

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

LITERATURA E CONSCIÊNCIA CRÍTICA: ECOS DO MARXISMO EM *O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA*, DE JOSÉ SARAMAGO

Marilda Beijo Fróes - IFSP
Osvail de Oliveira Souza Neto (bolsista PIBIFSP)

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.00.00-1 - Linguística, Letras e Artes

RESUMO: O presente estudo propõe uma leitura da obra *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, a partir de um referencial teórico que discute os aspectos do gênero conto. O objetivo é demonstrar como o autor português, ao abordar temas como classe social, propriedade e burocracia, constrói uma crítica social e política que ecoa o pensamento de marxista. A pesquisa discute a posição do indivíduo nas classes sociais, a relação entre o homem e o mundo, e a busca pelo autoconhecimento, que na narrativa se entrelaça com a tomada de consciência do personagem. A burocracia é interpretada como um instrumento de poder da classe dominante, enquanto a busca do protagonista pela ilha desconhecida é vista como uma alegoria da luta por uma sociedade mais justa e igualitária. A metodologia consiste em uma análise crítico-interpretativa da obra, fundamentada em conceitos marxistas e na crítica literária.

PALAVRAS-CHAVE: classe social; poder; burocracia; narrativa saramaguiana.

LITERATURE AND CRITICAL CONSCIOUSNESS: ECHOES OF MARXISM IN JOSÉ SARAMAGO'S *THE UNKNOWN ISLAND*.

ABSTRACT: This study proposes an interpretation of José Saramago's short story "The Tale of the Unknown Island" based on a theoretical framework that discusses aspects of the short story genre. The objective is to demonstrate how the Portuguese author, in addressing themes such as social class, property, and bureaucracy, constructs a social and political critique that echoes Marxist thought. The research discusses the position of the individual in social classes, the relationship between man and the world, and the search for self-knowledge, which in the narrative is intertwined with the character's awareness. Bureaucracy is interpreted as an instrument of power of the ruling class, while the protagonist's search for the unknown island is seen as an allegory of the struggle for a more just and egalitarian society. The methodology consists of a critical-interpretative analysis of the work, based on Marxist concepts and literary criticism.

KEYWORDS: social class; power, bureaucracy, Saramago's narrative.

INTRODUÇÃO

Na obra *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago (1997), emergem ideias centrais que perpassam toda a sua produção literária: a posição do indivíduo nas classes sociais, as relações humanas

no convívio com o outro e com o mundo, e a busca pelo autoconhecimento. A narrativa, construída sob a forma de alegoria, ultrapassa a simples história de um homem que vai à casa do rei para pedir um barco; nela, Saramago propõe uma reflexão profunda sobre a condição humana, as estruturas de poder e os mecanismos de alienação que moldam a vida em sociedade.

Por meio de uma escrita marcada pela ironia, pelo simbolismo e pela crítica social, o autor evidencia as contradições do mundo moderno e o papel do sujeito diante da burocracia e da opressão. Logo na primeira linha — “Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe: Dá-me um barco” —, o contraste entre o rei e o homem já delineia a questão das classes sociais, representando, respectivamente, a classe dominante e a classe trabalhadora. Essa distinção, conforme observa Bottomore (1988, p. 73), reflete a relação entre as instituições detentoras do poder e os grupos sociais a elas subordinados, revelando a presença de hierarquia e burocracia como instrumentos de manutenção da desigualdade.

Nesse contexto, o conto pode ser lido como uma metáfora da luta pela consciência e pela emancipação, em que o personagem central se insurge contra a inércia institucional e busca um sentido próprio para a existência. A literatura, aqui, cumpre uma função crítica e utópica, questionando o poder estabelecido e revelando o potencial transformador do imaginário humano. Assim, o estudo propõe uma leitura à luz da teoria marxista das classes sociais e da consciência de classe, observando como Saramago constrói, em sua forma e conteúdo, as tensões entre dominação e resistência, entre o sujeito e o sistema que o oprime.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa baseia-se na leitura crítica e interpretativa do conto *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago (1997), adotando uma perspectiva teórico-metodológica fundamentada no materialismo histórico-dialético. O corpus literário foi selecionado por seu potencial alegórico e pela densidade simbólica com que o autor problematiza as relações entre indivíduo, poder e ideologia.

O estudo segue uma abordagem qualitativo-interpretativa, em que o texto literário é examinado como um campo de tensões sociais e discursivas. O referencial teórico mobiliza conceitos de Karl Marx e Theodor Adorno, articulados às interpretações de Bottomore (1988) e Iasi (1999) sobre classes sociais, alienação e consciência de classe. Soma-se a isso a leitura de Ana Paula Arnaut (2023), cujas reflexões acerca da dimensão utópica da narrativa saramaguiana contribuem para compreender o papel da utopia como resistência simbólica às estruturas hegemônicas.

Metodologicamente, a análise concentra-se na identificação e interpretação de passagens simbólicas e alegóricas que representem as contradições entre dominação e emancipação, observando-se como a linguagem e as estratégias narrativas de Saramago expressam, por meio da alegoria, a crítica à burocracia estatal e às hierarquias sociais. A leitura atenta das imagens, dos diálogos e da estrutura narrativa permite estabelecer conexões entre o universo ficcional e as dinâmicas concretas do mundo social, privilegiando uma interpretação dialógica entre literatura e realidade histórica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Logo nas primeiras linhas do conto — “Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco” (Saramago, 1997, p. 2) — a narrativa já estabelece o contraste entre poder e subordinação. O rei, detentor dos “obséquios”, representa a classe dominante e a autoridade burocrática, enquanto o homem e a mulher da limpeza simbolizam as massas trabalhadoras, identificadas não por nomes próprios, mas por suas funções sociais. Essa escolha narrativa reforça a crítica de Saramago às estruturas hierárquicas e à alienação que despersonaliza o sujeito nas relações de produção.

A sociedade retratada no conto reflete as ideias marxistas sobre propriedade, poder e burocracia. Na teoria de Marx, as classes sociais se constituem a partir das relações de produção: a burguesia, que detém o capital, e o proletariado, que vende sua força de trabalho. O texto saramaguiano evidencia essas divisões ao mostrar a burocracia como um mecanismo de controle que mantém a desigualdade social. A longa cadeia de secretários que o protagonista precisa enfrentar para ter seu pedido atendido exemplifica o que Marx e Bottomore (1988) chamam de “fenômeno do burocratismo”: um sistema que se diz público, mas serve aos próprios interesses da classe dominante.

A crítica de Adorno complementa essa leitura ao apontar que a sociedade moderna vive sob a

dominação da tecnocracia e da burocracia, que anulam a liberdade e o pensamento crítico (Bottomore, 1988, p. 17). O rei, indiferente às petições, “passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios” (Saramago, 1997, p. 2), encarna essa alienação. Contudo, a resistência emerge na atitude contestadora do protagonista, que recusa o silêncio do poder e exige ser ouvido: “vai lá dizer-lhe que não saio daqui até que ele venha, pessoalmente, saber o que quero” (Saramago, 1997, p. 2). Essa recusa simboliza o despertar da consciência de classe, conceito formulado por Iasi (1999), em que o sujeito reconhece sua condição de oprimido e busca transformação social.

No diálogo com o rei — “E tu quem és, para que não mo dês... Mais lhes pertencerás tu a eles do que eles a ti” (Saramago, 1997, p. 4) — Saramago ironiza o poder real e concede ao homem uma consciência cívica que o coloca em pé de igualdade com o soberano. A fala subverte a lógica da dominação e propõe uma reflexão sobre igualdade e justiça social, valores centrais do pensamento marxista.

A partir daí, a viagem em busca da ilha desconhecida adquire valor simbólico: não se trata de um espaço geográfico, mas da busca pela autonomia e pela consciência crítica. O gesto do protagonista — insistir em obter uma embarcação para alcançar uma ilha que não consta nos mapas — simboliza a ruptura com o pensamento hegemônico e a tentativa de reconstrução do sujeito histórico.

Os personagens secundários reforçam essa dialética entre opressão e resistência. O rei encarna o controle ideológico e a imobilização social; já a mulher da limpeza representa o olhar transformador, o reconhecimento da utopia como possibilidade de libertação. Essa tensão entre alienação e desejo constitui o núcleo da crítica saramaguiana ao sistema capitalista e às instituições que o perpetuam.

As metáforas do barco, do mar e da ilha configuram uma estética da esperança e da travessia, em que o deslocamento físico traduz o processo de autoconhecimento e emancipação. Em diálogo com Adorno, pode-se afirmar que a arte, em Saramago, preserva um potencial de negatividade e resistência: denuncia a realidade e, simultaneamente, projeta a possibilidade de sua superação. Assim, a narrativa reafirma a literatura como espaço de crítica e de utopia, em que o homem reencontra sua capacidade de imaginar, agir e transformar o mundo.

CONCLUSÕES

Sob a perspectiva sociopolítica e marxista, *O conto da ilha desconhecida* configura-se como uma alegoria da luta por emancipação e igualdade. O homem que queria o barco transcende a condição de súdito e converte-se em símbolo da consciência social em movimento — alguém que, ao resistir à burocracia e ao poder instituído, constrói, em sua insistência, a metáfora da libertação. A narrativa evidencia o percurso de um sujeito que conquista não apenas o direito de fala, mas também um espaço simbólico de autonomia e transformação.

A leitura do conto permite compreender a literatura como espaço privilegiado de reflexão crítica sobre a realidade social e histórica. Por meio da alegoria e da ironia, Saramago denuncia as contradições do sistema de poder e evidencia o potencial transformador do imaginário humano. O desfecho — “A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma” (Saramago, 1997, p. 12) — sintetiza o ideal saramaguiano de autoconhecimento e de reinvenção coletiva: a utopia não é um destino fixo, mas um processo contínuo de busca e conscientização.

Ao dialogar com o pensamento marxista e com a tradição crítica representada por Adorno, Bottomore, Iasi e Ana Paula Arnaut, observa-se que a dimensão utópica da narrativa não se confunde com evasão da realidade, mas com a afirmação da possibilidade de mudança. A utopia, nesse sentido, manifesta-se como resistência simbólica e horizonte ético-político, em que o homem reencontra sua capacidade de imaginar, agir e transformar o mundo.

Conclui-se, portanto, que Saramago transforma o conto em um ato de insubmissão literária, no qual a travessia em busca da ilha desconhecida representa a tentativa incessante do ser humano de conhecer-se, resistir e reconstruir o real. Assim, o autor reafirma o papel da literatura como instrumento de consciência crítica e esperança de mudança, um exercício ético e político diante das contradições do mundo contemporâneo.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

O estudo foi realizado pelo estudante bolsista com a orientação e supervisão da orientadora, durante as reuniões semanais para desenvolver o projeto. Partiu-se da leitura e discussão do texto literário e dos textos teóricos que fundamentam a análise realizada. Todas as ideias contidas no texto foram amplamente discutidas e refletidas em conjunto, assim como a redação do texto. Os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

O projeto é financiado pelo edital PIBIFSP - Ensino Técnico - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

REFERÊNCIAS

- ARNAUT, Ana Paula. "D' O conto da ilha desconhecida ao Conto a ilha do desconhecido (cordel): 'Diz-me para onde queres ir, dir-te-ei quem podes ser". In **Brasil/Portugal: diálogos sobre literatura.**, 10-29. Lisboa, Portugal: CLEPUL, 2023.
- BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de cronópio.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto.** 13. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: **Formas breves.** Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 13-26.
- SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989.